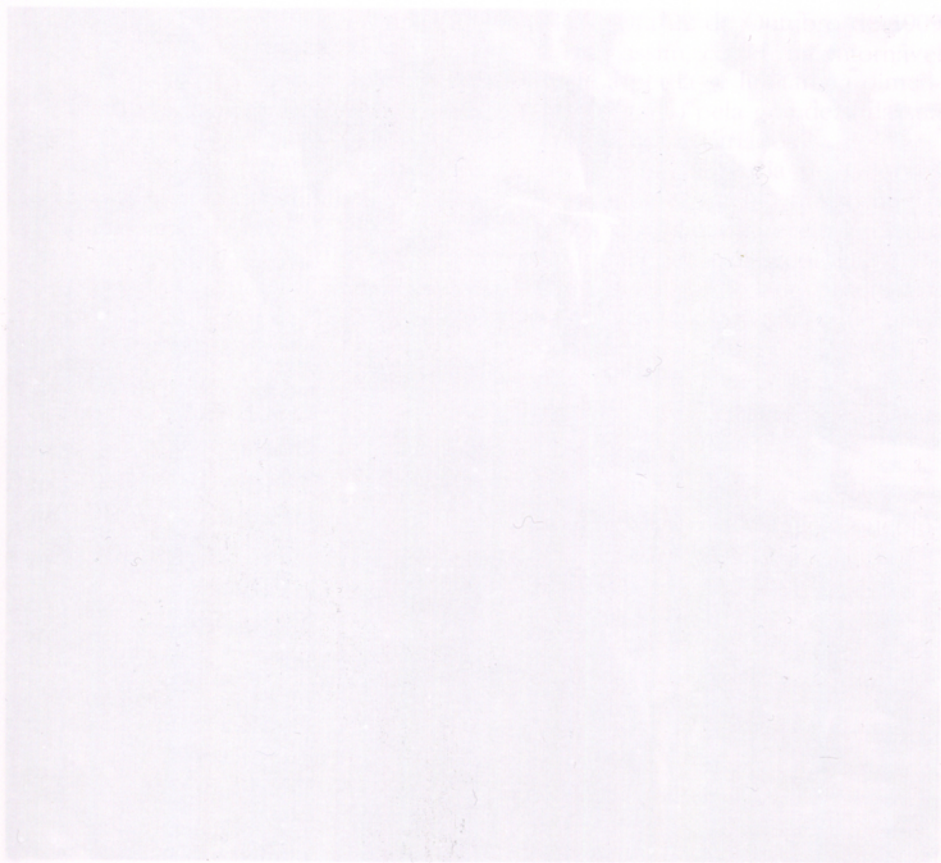
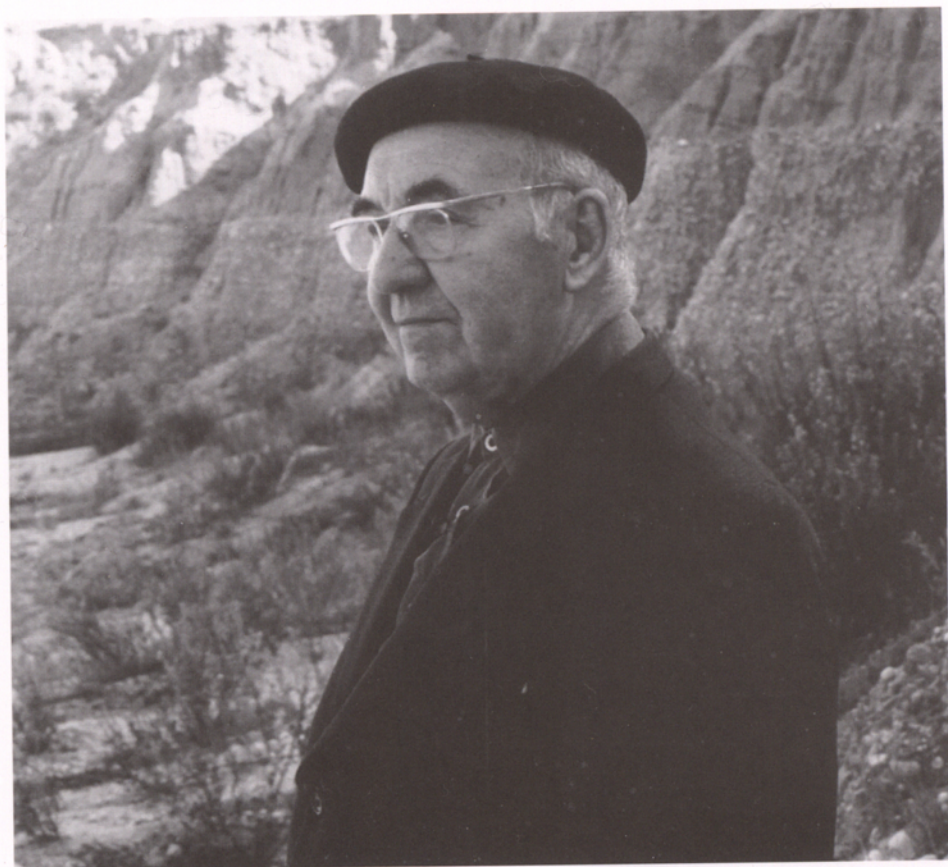

In Memoriam



In Memoriam



Georges Zbyszewski nasceu em Gatchina (Rússia) a 22 de Outubro de 1909 e em 1 de Março de 1999, faleceu em Lisboa. Dito assim, com a incontornável crueza das notícias infaustas, poderia supor-se que a perda se limitaria à dimensão de um homem, sobremaneira estimado de resto, tanto pela grandeza da sua alma, como pela vastidão da sua obra, em domínios assaz variados.

Não seria nada pouco se fosse “só” isso. Porém, a perda de Georges Zbyszewski representa muitíssimo mais, porque verdadeiramente transcende o indivíduo, para se situar no plano da história das disciplinas que ele abraçou. Com propriedade, pode dizer-se que é toda uma época da geologia e da arqueologia portuguesas – assim como toda uma secular linha de pesquisa e afirmação institucional, a chamada “escola dos Serviços Geológicos” – que finda com o seu desaparecimento. Dois anos antes, tinha-nos já deixado Octávio da Veiga Ferreira, o qual, por coincidência do destino, viria cinco dias depois do falecimento de Zbyszewski a ser objecto de homenagem pública em Lisboa, através do descerramento das lápides de um novo arruamento com o seu nome.

O Mundo é assim, não pára, “pula e avança”. Não nos movem, pois, lamentos passadistas quando lembramos “mestre Zby” e a “escola geo-arqueológica” que superiormente soube conduzir desde os anos 40, até à sua morte, quando ainda trabalhava, disciplinada e afinadamente como era seu timbre, em trabalhos que não chegaram a ver a luz do dia. Mas reconhecemos em ambos – o “mestre” e a “escola” – virtualidades que muito respeitamos e temos a ousadia de pretender enformarem um pouco daquilo que viemos a ser todos os que, nas últimas décadas, nos dedicamos aos estudos paleolíticos. Todos mesmo, incluindo aqueles de nós que um dia tivemos a pretensão (o futuro dirá se justificada) de desbravar novos caminhos.

O país arqueológico, especialmente o país do Paleolítico e do Quaternário, era à data da chegada de Georges Zbyszewski a Portugal um imenso mar ignoto, onde apenas algumas ilhas tinham já sido exploradas pelos pioneiros da

Comissão Geológica. “Quando em 1940 começámos o estudo dos terraços do Tejo – disse ele, um dia - experimentávamos o sentimento do explorador que entra pela primeira vez num terreno virgem, que não fora ainda percorrido por nenhum homem”. Assim era, de facto – e só alguém com o saber e a força anímica de Zbyszewski, poderia realizar a monumental obra que lhe permitiria, menos de uma década volvida, afirmar com justificado orgulho que “no momento actual, o impulso está dado. O trabalho de equipa que sempre preconizámos organiza-se enfim graças à colaboração de geógrafos, geólogos, paleobotânicos e pré-historiadores. Assim pensamos que num próximo futuro, Portugal poderá alinhar-se, ele também, ao lado dos países que mais contribuíram para o estudo e o conhecimento dos tempos quaternários”.

Não cabe nesta pequena lembrança, resumir, ou sequer exemplificar, a imensidão da obra de Georges Zbyszewski, com os numerosos sítios arqueológicos e paleontológicos que descobriu, as diversas espécies animais que identificou, as abundantíssimas indústrias líticas que pela primeira vez reconheceu, as sucessivas gerações de investigadores que talhou... Nós próprios pudemos nesta casa, seja no tempo de Manuel Heleno e do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, seja no tempo de Fernando de Almeida e do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, seja nos tempos mais recentes, obter o privilégio da sua convivência e o benefício do seu saber, em investigações que, nalguns casos, acabaram por ser publicadas em “O Arqueólogo Português”. Nenhuma evocação, em tão poucas linhas, poderia fazer jus à amplitude da obra.

Mas, acima de tudo, Zbyszewski era um amigo verdadeiro. Discreto, modesto até, dotado de um humor simples e contagiante. E a vida tem destas coisas: aquilo que da obra não consente resumo, pode do indivíduo ser dito em poucas palavras: um homem bom, que deixa saudades.

Assim o homenageamos, pedindo-lhe ainda um derradeiro favor. O de nos emprestar e permitir adaptar a singela e sentida expressão que um dia, comovidamente, ele endereçou a Henri Breuil: “Adeus, mestre Zby”.

L. R.

Alguns textos evocativos da vida e da obra de Georges Zbyszewski:

CARDOSO, J. L. (1997) – “Reconhecidos a Georges Zbyszewski”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12, p. 9-16. Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski.

CARDOSO, J. L. (no prelo) – “Georges Zbyszewski (1909-1999)”. *Estudos*

Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 8. Contém a bibliografia de Georges Zbyszewski, entre 1979 e a data do seu falecimento.

CARVALHO, G. S. e CARDOSO, J. L. (1999) – “O quaternarista Georges Zbyszewski”. *Estudos do Quaternário*. Braga. 2, p. 3-6.

HOMMAGE au Géologue Georges Zbyszewski (1984). Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations. Volume colectivo com diversos

textos evocativos de Georges Zbyszewski e uma resposta de agradecimento do mesmo.

RAPOSO, L. (1993) – “Ser pioneiro no Portugal dos anos 40”. *Diário de Notícias. Suplemento de Cultura*. Lisboa. 12 de Agosto. Incluído também no volume: RAPOSO, L. e SILVA, A. C. (1996) – *A Linguagem das Coisas – ensaios e crónicas de arqueologia*.

Mem-Martins: Publicações Europa-América, p. 281-284.

TEIXEIRA, C. (1979) – “Georges Zbyszewski: o Homem e o Cientista”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65, p. 3-27. Contém a bibliografia de Georges Zbyszewski, até 1979.

Programa

21 de Junho

10.00 h – Sessão de abertura

10.30 h – Pausa-café

1.ª Secção: Conceitos programáticos

11.00 h - 13.00 h: torre Ocáez

Isabel Pereira – *Conferência de abertura: Museus de arqueologia, conceitos e programas*

Francisco Sando Lemos – *Museus de arqueologia: desafios de programação e actualidades do futuro*

Luis Raposo – *Museus de arqueologia e 1996: actualidade e perspectivas, similitudes e diferenças*

Rui Parreira – *Museus monográficos: o caso do Museu Nacional de Arqueologia*

Maximiano Gonçalves – *Museus de arqueologia e 1996*

António Nabais – *A arqueologia portuguesa em 1996*

12.30 h – Debate

